

CONCURSO de  
ESTUDIANTEs

# UNA CLÍNICA EXTRAMUROS: HABITAR LA TERNURA, CONSTRUIR UN SUJETO ÉTICO

UNA CLÍNICA EXTRAMUROS:  
HABITANDO A TERNURA,  
CONSTRUINDO UM SUJETO ÉTICO

AN EXTRAMURAL CLINIC:  
INHABITING TENDERNESS,  
BUILDING AN ETHICAL SUBJECT

Diego Blanco Díaz  
Asociación Argentina de Psiquiatría  
y Psicología de la Infancia y Adolescencia  
ORCID: 0009-0004-4941-9117  
Correo electrónico: diego@casadelencuentro.cl

Fecha de recepción: 01 - 09 - 2025  
Fecha de aceptación: 18 - 10 - 2025

**Para citar este artículo / Para citar este artigo / To reference this article**

Blanco Díaz D. (2025) UNA CLÍNICA EXTRAMUROS: HABITAR LA TERNURA,  
CONSTRUIR UN SUJETO ÉTICO  
Intercambio Psicoanalítico 16 (2), DOI 10.60139/InterPsic/16.2.1  
Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC By 4.0)

# UMA CLÍNICA EXTRAMUROS: HABITANDO A TERNURA, CONSTRUINDO UM SUJEITO ÉTICO

Trabajo ganador del Primer Premio en el Concurso para estudiantes de institutos de formación de las Asociaciones de FLAPPSIP en el Congreso 2025

Diego Blanco Díaz<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Diego Blanco Díaz: Psicanalista, Fundador e Diretor Clínico da Casa del Encuentro Chile. Psicólogo pela Universidade Alberto Hurtado. Mestre em Teoria e Clínica Psicanalítica pela UDP. Pós-graduado em Psicanálise da Infância e Adolescência pela ASAPPIA. Formação em Psicoterapia Institucional na Clinique La Borde, França. Última publicação: *Niñez, ética y ciudad: experiencias y prácticas psicoanalíticas extramuros* (2025), Editorial Cuarto Propio, Santiago.

## Introdução

A partir de uma perspectiva psicanalítica, pensar a cidade nos permite abordar como o planejamento urbano e sua ideologia podem configurar formas de inclusão e exclusão que impactam as produções subjetivantes em torno da infância. Em contextos de exclusão social, as falhas encontradas no corpus representacional de crianças com dificuldades de linguagem remetem aos efeitos da divisão de classes sociais em que estão inseridas, em uma cidade segmentada e fraturada por normas legais.

## Psicanálise Interpelada pela Crueldade

Na conferência intitulada “Estados de Espírito em Psicanálise”, Jacques Derrida (2001) propõe uma questão: “Podemos pensar (...) em um além da pulsão de morte ou do domínio soberano, portanto, além de uma certa crueldade, um além que nada teria a ver nem com pulsões nem com princípios?” (Derrida, 2001, p. 14). Uma questão que visa desestabilizar a própria resistência da psicanálise a si mesma e ao mundo, convida-nos a analisar novas formas do que poderíamos posicionar como práticas dessubjetivadoras que vêm destruindo laços. Diríamos, não sem ênfase política, que a América Latina tem sido a terra do avanço diante do exposto, promovido pelo impacto das ditaduras e das lógicas colonialistas com seus efeitos políticos e culturais circundantes. Nesse sentido, quando Derrida (2001) fala de uma crueldade psíquica para a qual a psicanálise poderia direcionar seus esforços, ele nos permite mergulhar nas formas de desengajamento que nada têm a ver com a pulsão de morte, mas com os efeitos do desmantelamento da vida coletiva, provocando as fraturas dessas instâncias de ligação. A esse respeito, Silvia Bleichmar (2011) aponta:

Essa fratura nas instâncias de ligação é o que gera o triunfo da pulsão de morte. Mas não é que a pulsão de morte triunfe sobre as instâncias de ligação, mas sim que estas últimas não conseguem mais reter a força pulsional, a ponto de renunciar à pulsão exigir uma promessa (p. 118).

O que se apresenta é a imediatez biológica do corpo expulso à orfandade do pensamento, sem apoio nem esperança de um projeto próprio que abrigue um corpo social. A crueldade que recai sobre o corpo replica sua lógica silenciosa e indiferente: uma infância sem vontade de falar e capturada como lugar de gozo. “Meu filho não fala comigo”, “Onde meus olhos te vejam”, “Eu dou o peito a ele toda vez que ele cai, se não chorar”, são frases comuns entre mães com filhos maiores de quatro anos em territórios de exclusão onde a crueldade circula sob o manto de uma ideologia da indiferença, comprometendo instâncias psíquicas. Assim, os padrões que permitem à criança se posicionar como outro ser possível são suspensos e, portanto, o corpo se posiciona como única

testemunha da existência, uma vez que os destinos da pulsão carecem do suporte que lhe permita mediar a resolução de um prazer que poderia ser adiado em busca de um projeto futuro. Freud (1933), mesmo em sua resposta à pergunta “Por que a Guerra?” de Einstein, situava os eventos cruéis da história impulsionados por motivos ideais reforçados pelo inconsciente. No entanto, a crueldade precisa ser pensada, como propõe Silvia Bleichmar (2001), como um destino da pulsão onde, além disso, a questão do apoio social que esta pode ter é um requisito para o seu futuro. Onde estão os ideais para a construção de um projeto histórico do sujeito se circulamos em territórios cujos trânsitos são afetados por ideologias que promovem a indiferença ao outro?

### **A Construção de um Sujeito Ético em um Dispositivo Extramuros**

Os muros da cidade foram organizados para separar. Portanto: como nós, clínicos, nos preparamos para trabalhar com tudo o que permanece extramuros? Qual será o objeto de trabalho em uma clínica extramuros? O fora, aquilo que separa e divide, e constitui os resíduos institucionais que compõem tudo o que não tem lugar, aquilo que não é instituído, aquilo que não cabe ou não pode ser visto. É aqui, tomando a noção de Extramuros proposta por Laplanche e também elaborada por Silvia Bleichmar, que parece necessário propor novas modalidades que ultrapassem a caixa tradicional e facilitem entradas de reconhecimento e inscrição que propiciem recomposições simbolizantes onde o coletivo como coro social possa participar, introduzindo produções de um comum que sustente e recomponha aqueles cenários onde a crueldade se deposita em seus silêncios. Para que isso ocorra, são necessários dispositivos que abordem a ética em dinâmicas intersubjetivas. De outro modo, o que se revela são dinâmicas relacionais lançadas na imediatez biológica do corpo, na ausência de um sistema de representações que não permita a introdução do pensamento como organizador e articulador de necessidades. É o que Silvia Bleichmar (2001) aborda como a construção de um sujeito ético:

O problema da ética começa pela maneira como o adulto limitará seu próprio gozo em relação ao corpo da criança, inscrevendo, assim, no cuidado que presta, algo de uma circulação delimitada que, embora libidinal, não é, contudo, puramente erógena, mas também organizadora (p. 18).

Temos então que a função do outro e seus desdobramentos tornam-se requisito para um vínculo, onde as necessidades possam ser diferenciadas para que a criança não fique presa à sexualidade do adulto, já que o que se revela em contextos de negligência social é que o corpo parece ser o primeiro e o último meio de comunicação em um cenário de sobrevivência, silêncio e/ou ausência de linguagem.

### **Casa del Encuentro: Um Centro Psicanalítico na Cidade**

Localizada no Chile, em uma comuna nos arredores de Santiago, Chile, a Casa del Encuentro é um centro inspirado na Casa Verde, fundada por Françoise Dolto. Aberta a crianças de 0 a 6 anos, acompanhadas por um cuidador, oferece um espaço para socialização precoce e para abordar as preocupações cotidianas da parentalidade. Abaixo, um breve relato deste local:

Eu estava conversando com duas mães no pátio da Casa del Encuentro sobre os diagnósticos de autismo de seus filhos, que estavam com elas naquele dia. A conversa surgiu quando uma das mães mencionou que havia ido ao neurologista no hospital e lhe disseram: “Bem, você sabe o que sua filha tem, não é? Sua filha tem autismo. Você sabe o que é isso, certo?”. Essa mãe, que estava com sua filha de 3 anos no consultório do neurologista, respondeu que sabia de algo, mas que realmente não sabia como responder. “Fiquei chocada”, respondeu ela. Perguntei como ela estava se sentindo desde a resposta do neurologista. Ela respondeu que estava chocada, que não queria dizer nada porque não conseguia pensar em nada, mas tudo o que sabe é que saiu do hospital triste, confusa e com muita raiva. “Eu a levei porque ela não falava, e me disseram outra coisa”, conta. Sobre o que as dificuldades de linguagem da filha significaram para ela, ela diz: “Eu não entendia nada, e ela também não falava. Desde que cheguei aqui, há cerca de três meses, minha filha está falando, ela diz palavrinhas que eu consigo entender um pouco. Algo aconteceu aqui. Acho que é a maneira como a tratam ou como a ouvem, não sei.” Enquanto conversávamos, vimos a filha dela, que brincava na nossa frente, cair, chorando alto e ficar parada, eu diria até mais, deitada no chão sem se mexer ou fazer nada além de chorar. No entanto, sua mãe, com quem eu conversava e observava a situação, permaneceu sentada, observando a situação com certa impassibilidade. Então, eu lhe disse: “O que você acha de irmos ver o que aconteceu com ela? Esse choro talvez seja um chamado, e me ocorre que ela talvez queira um abraço e um beijo seu para se acalmar.” Essa mãe se levanta e vai até a filha, que estava deitada no chão. Ela gentilmente pega sua mão, mas a mão da menina permanece solta e foi justamente ali que ela se machucou. Eu disse à mãe: “E se você tentar segurar a mão dela e acariciá-la? Talvez isso possa acalmar suas lágrimas de dor.” Essa mãe pegou a mão dela onde havia se machucado e começou a cantar para ela enquanto a acariciava: “Cura, cura, meu sapinho, se não sarar hoje, sarará amanhã.” Depois de um tempo, sua filha parou de chorar e voltou a brincar. No entanto, depois de um tempo, sua filha tropeçou e caiu novamente. “Ela deve estar com sono, está caindo muito”, disse ela, sentando-se novamente. Nesse momento, ouve-se a filha chorando alto e gritando “Mãe!”. “Sua filha te chamou, ela nunca fez isso antes”, diz uma mãe que estava por perto e que já tinha vindo aqui em outras ocasiões para compartilhar com ela e a filha. “É verdade, é a primeira vez que a ouço me chamar de mãe.” Nós duas nos levantamos, tomadas por aquele chamado e chorando ao mesmo tempo. Enquanto ele estende a mão para a filha, outro menino,

um pouco mais velho — uns 6 anos — que estava brincando com ela antes de ela cair, diz: “Acho que ela precisa de um beijo como você deu antes. Dê um para ela brincar comigo de novo.” Rindo, essa mãe lhe dá um beijo e, com lágrimas de alegria, me diz: “... esta é a primeira vez que ela me chama de mãe... talvez ela já tenha dito isso antes, mas agora eu a ouvi, não sei... estou muito feliz. Desculpe por chorar.”

### **Uma Casa como Reservatório de Amor Narcisista**

Novamente, quando Derrida (2001) pergunta: “Onde começa a crueldade e onde termina?” (P. 52), pode-se dizer que uma maneira possível para a psicanálise responder a essa pergunta é considerar que tanto o início quanto o fim da crueldade estão em seu destino. O estado congelado — se não petrificado — da mãe quando consulta a filha, e o corpo caído, sem chorar ou ser ajudado a princípio, são representações da crueldade. Corpos separados, deslibidinizados, sem serem reconhecidos em seu status humano. Em resposta à questão de onde termina a crueldade, o que acontece na vinheta é que, de diferentes direções, a ternura aparece como um limite à representação da crueldade. A ternura, como propõe Fernando Ulloa (2011), é aquela instância ética em que, paulatinamente, se organiza aquele “sujeito esperançosamente dese-jante” (p. 123) e onde se “freia o objetivo último, o fim da descarga, da pulsão” (p. 122) para não deixá-la abandonada. A Casa do Encontro atua então como recipiente e reservatório da ternura, para que se construam as diretrizes psíquicas de um sujeito ético, por meio do qual o olhar do outro é aquela garantia necessária para que a infância possa falar na calma da linguagem.

#### Referências bibliográficas

- BLEICHMAR, S. (2011). *La construcción del sujeto ético*. Editorial Paidós
- BLEICHMAR, S. (2010) *Psicoanálisis extramuros*. Editorial Entre Ideas.
- DERRIDA, J. (2001) *Estados de ánimo del psicoanálisis*. Editorial Paidós
- FREUD, S. (1933) *¿Por qué la guerra?* Em *Obras Completas*, Vol. XXII. Editorial Amorrortu Año 2008
- LAPLANCHE, J. (1989) *Nuevos fundamentos para el psicoanálisis*. Amorrortu Editores.
- ULLOA, F. (2011) *Novela clínica psiconalítica*. Editorial Libros del Zorzal.